

Magazine Outono 2017

**MUTATIS MUTANDIS: RETÁBULO DA IGREJA DE JESUS
NOVAS MEMÓRIAS E NOVOS SENTIDOS**



18 artistas em exposição na Galeria Municipal do Antigo Banco de Portugal, Setúbal

“Sublinhar as diferentes formas como, 500 anos após a entrega da encomenda feita ao pintor régio Jorge Afonso, o retábulo continua a alimentar a imaginação, o maravilhamento e a fé de quantos têm a felicidade de o ver e conhecer. E, como, por reflexo, a sua recepção fala do homem contemporâneo.”

3 – Ficha Técnica

4 – Editorial

5 a 8 – Grande Plano com Elisabete Caramelo

9 a 14 – Exposição *Mutatis Mutandis* – A Arte em diálogo contemporâneo

15 a 17 – Concerto e-Vox “Ecce Homo”

18 e 19 – Convento de São Paulo de Alferrara

20 e 21 – “Na ressaca do assalto ao céu” – Viriato Soromenho-Marques

22 e 23 – “Agostinho da Silva e Michel de Montaigne” – José Manuel dos Santos

24 e 25 – “Desenvolvimento Sustentável – Desafios para Portugal” – Francisco Ferreira

26 – “Facebook ou TV, quem muda o mundo, hoje?” – António Manuel dos Santos

27 – “A plenitude de S.” – Crónica de João Coelho

28 e 29 – “Fort Worth” – Crónica de Carlos Eufémia

30 – “Um fruto do acaso” – Fotografia de Alexandre Murtinheira

31 – “Poema para sempre” – Um poema de Daniel Nobre Mendes

32 e 33 – “Arte Hoje” – Eduardo Carqueijeiro

34 e 35 – “Quando escrever é (também) escrever-se” – Sara Loureiro

36 e 37 – Natália Juskievicz - “Um violino no Fado” - Salvador Peres

38 e 39 – “Um retorno à natureza” – Nuno David

40 - Quem Somos

Synapsis Magazine

Edição n.º 3 – Outono 2017

Propriedade: Synapsis

Coordenação Editorial: Salvador Peres e João Coelho

Equipa Editorial: Alberto Pereira, António Marrachinho Soares, José Alex Gandum,

Eduardo Carqueijeiro, Elisabete Caramelo

Design Gráfico: Alberto Pereira

Composição: Salvador Peres

Fotos: Alexandre Murtinheira, Carlos Eufémia, Eduardo Carqueijeiro,

José Alex Gandum, Natália Juskiewicz, Salvador Peres

Colaboram nesta edição:

Alexandre Murtinheira, António Manuel dos Santos, Carlos Eufémia, Daniel Mendes,

Eduardo Carqueijeiro, Elisabete Caramelo, Francisco Ferreira, João Coelho, José Alex Gandum,

José Manuel dos Santos, Natália Juskiewicz, Nuno David, Salvador Peres,

Sara Loureiro e Viriato Soromenho-Marques.

email: synapsis11@gmail.com

facebook: [synapsis setúbal](https://www.facebook.com/synapsis.setubal)

Ainda não descobrimos o caminho para a Terra do Nunca. Mas enquanto tarda o rasgo que nos há-de levar para o outro lado do espelho, vamos tecendo sonhos nestas páginas amenas de Outono.

O mundo não nos compreende e nós não percebemos o mundo. E isso é estranho e estimulante. Estranho, porque não sabemos se estamos no caminho certo; estimulante, porque, sem medo de perder o norte, metemos pernas a caminho.

E o palmilhar por estes caminhos nunca antes pisados, já nos fez chegar ao terceiro número do Magazine Synapsis.

Connosco, neste número, olhares desiguais espreitam o lado menos óbvio da vida. À sua maneira, com a força das suas ideias e o engenho da sua arte, abrem-nos novas janelas para a compreensão do mundo.



João Coelho entrevista Elisabete Caramelo



Nasceu em Lisboa, mas foi o Alentejo, onde deu os primeiros passos, que marcou a sua infância e adolescência. Gostava de ter tido irmãos mas, a sua falta compensou-a, ainda hoje, com o rodear-se de amigos. Jovem ensimesmada, teimosa e persistente, também “respondona” desde cedo mostrou que seria o que queria ser. Integrou o grupo fundador da TSF, e esteve também na fundação da TSF Porto. Para ela é “... importante estar na vida e pertencer a alguma coisa que não seja a religião, clubes de futebol ou partidos, ou seja, pertencer com grande liberdade de pensamento”. Na TSF sentiu que isso acontecia. Foi professora universitária de jornalismo e técnicas radiofónicas na Escola Superior de Jornalismo do Porto e na Universidade Lusófona. Durante 10 anos foi assessora de comunicação do Presidente Jorge Sampaio e é actualmente, desde 2006, Directora de Comunicação da Fundação Calouste Gulbenkian. Paralelamente, nos últimos anos, depois de formação específica em psicoterapias humanistas (Gestalt), exerce a função de terapeuta. Gosta de teatro e poesia, e também de declamar.

A *synapsiana* **Elisabete Caramelo**, em discurso directo.

“...a palavra *descoberta*, para mim, vem sempre associada a alegria e emoção”

JC – Elisabete, integraste o grupo fundador da TSF, um projecto inovador e histórico. A rádio ainda é uma paixão? Que recordas desses tempos?

EC - Fiz parte do grupo de jovens que abriu a TSF depois de um curso intensivo de formação radiofónica que durou 6 meses e por onde passaram os melhores profissionais da altura. O curso foi coordenado por uma pessoa que ainda hoje admiro muito: o Adelino Gomes. Foram tempos extraordinários de aprendizagem, divertimento, intensidade e descoberta. A rádio foi sempre uma das minhas grandes paixões e ainda hoje não passo um dia sem a ouvir.

JC – Abandonaste a profissão de jornalista, que sempre desejava, para exercer funções junto do Presidente da República Jorge Sampaio, como assessora para a Comunicação Social, durante 10 anos (1996-2006). Que desafios representou para ti esta função??

EC - Foi uma mudança de vida. Era uma jornalista convicta, que gostava muito do que fazia na altura e que não pensava deixar a profissão. Quando o Presidente Sampaio me convidou para trabalhar com ele foi uma enorme surpresa para mim e decidi repensar tudo. Cheguei à conclusão que era uma oportunidade de trabalhar com uma pessoa que admirava e que poderia dar o meu contributo ao país, aceitando a missão de trabalhar na presidência. Não foi uma decisão fácil porque deixei os quadros de uma empresa, entreguei a carteira profissional e decidi desistir da profissão que sempre quis ter desde os meus 12 anos de idade.

JC - Qual o balanço que hoje fazes?

EC - Foi uma grande aprendizagem de vida, muitas vezes com sacrifício da minha vida pessoal, mas gostei muito de o ter feito durante os dois mandatos do Presidente Sampaio. Fiquei a conhecer bem Portugal e a gostar mais do nosso país e dos portugueses. Tenho pena que às vezes não nos valorizemos o suficiente porque temos muitas qualidades e características que não aproveitamos bem.



JC - Actualmente és Directora de Comunicação da Fundação Calouste Gulbenkian, instituição com um peso histórico muito significativo em Portugal. Como te “sentes” nesta instituição?

EC - Além da sua vertente artística (exposições, atividades educativas, música) muito conhecida, a Fundação tem hoje um papel filantrópico muito relevante na inclusão e na inovação social, na saúde, na educação e na ciência. A minha função é, de certa forma, um privilégio porque posso contactar com todas estas áreas e também contribuir para a melhoria da vida das pessoas, que é isso que faz a Fundação. Sinto-me muito feliz por o poder fazer e por ajudar a manter o legado de um homem que foi um verdadeiro visionário do século XX: Calouste Gulbenkian. Gostava muito de o ter conhecido.

JC - Falemos noutra componente importante da tua vida: a Gestalt. Podes explicar-me o que é, e como surgiu no teu percurso?

EC - A Gestalt surgiu há cerca de 8 anos, quando procurava aprender outras coisas e precisava de novos estímulos no meu desenvolvimento enquanto pessoa, já que acredito muito na educação ao longo da vida. Dentro das psicoterapias humanistas, a Gestalt trabalha muito a perceção e a relação com o Outro e achei que poderia ser um caminho interessante para mim. Não me enganei, e hoje sinto-me muito mais rica com o que aprendi e experienciei até aqui.





JC - Que papel ocupa então a Gestalt hoje, na tua vida?

EC - Neste momento, a Gestalt é uma forma de vida, integrei-a e acho que beneficiei muito com isso. Além de continuar a minha formação (é uma aprendizagem até ao fim da vida), já dou consultas enquanto terapeuta e fico muito contente quando vejo as pessoas que saem do meu consultório mais conscientes dos seus recursos e capacidades, mais capazes de resolver os seus problemas sozinhas.

JC - Podemos dizer que partiste de uma curiosidade global, sobre o mundo, como jornalista, na tua juventude, para te centrares agora, através da Gestalt e como terapeuta, com um foco mais específico sobre o “pormenor do mundo”, o indivíduo, a pessoa. Consideras-te uma pessoa curiosa? Compreendes melhor agora o “mundo”?

EC - É muito interessante esta tua questão e nunca tinha pensado assim, mas é uma excelente forma de ver o que faço. Sempre fui muito curiosa (até cheguei a pensar ser cientista) e a palavra descoberta, para mim, vem sempre

associada a alegria e emoção. Tenho um prazer enorme, quase infantil, em descobrir; pode ser um livro, uma música, um país, um restaurante, um sítio, um mistério, uma pessoa... Não sei se compreendo melhor o mundo, mas acho que me entendo melhor a mim. Acredito que esse é um caminho para nos tornarmos melhores pessoas e contribuir para que o mundo também possa ser um bocadinho melhor, pelo menos no nosso pequeno mundo.

JC - Nasceste e vives em Lisboa. O que achas que faz única esta cidade, este teu pequeno mundo?

EC - Lembro-me da frase de um filme em que se dizia “em Lisboa nunca sabemos que horas são”, perante a imagem de um relógio parado. Conheço muitas cidades maravilhosas, mas Lisboa tem uma luz única e um traçado arquitetónico que junta velho e novo de uma forma imensamente sedutora. Quando tenho tempo, adoro flunar e caminhar horas a pé, descobrindo recantos e novidades. É uma cidade imensamente fotogénica, agora que vivemos no tempo de todas as imagens.

JC – Para terminar, que representa para ti o Synapsis e como vês a sua actuação?”

EC - O Synapsis é um espaço de liberdade e de criação. É um grupo onde me sinto bem e em que gostaria de estar ainda mais presente, mas os meus muitos afazeres não me deixam tanto tempo como gostaria. Sempre que estou, fico maravilhada com a diversidade e com as competências artísticas e culturais de cada um dos seus membros. É um grupo único!

João Coelho

Mutatis Mutandis – a Arte em diálogo contemporâneo - 1



A exposição assume hoje, mais que nunca, o meio preferencial pelo qual a arte é apresentada e difundida, permitindo aos artistas apresentar as suas ideias e produção artística. O artista apresenta a sua visão e cria o seu público.

Para o público uma exposição serve para se ser “impressionado”, como se fora um negativo fotográfico, com emoções e sensibilidade pelas obras de arte expostas, que afectam a sua visão do mundo, e o recentram de forma menos egocêntrica.

Mas nunca, como hoje, os artistas tiveram tão vastos e diferentes recursos disponíveis, e tanta liberdade, para definir a sua obra, muitas vezes mais uma ideia, um conceito ou uma atitude, que um objecto artístico específi-

co. Reflectir sobre a arte, ou sobre o mundo, fazendo Arte, passou a ser um dos objectivos do artista contemporâneo, ao mesmo tempo que assistimos ao alargamento das suas técnicas e linguagens artísticas.

Assim, conceber e organizar uma exposição de arte contemporânea representa hoje um forte desafio, com dificuldade acrescida quando se trata de uma exposição colectiva, com um propósito específico de partida, pela necessidade de dar uma leitura coerente às diferentes sensibilidades e manifestações artísticas. Foi este o desafio que o Synapsis assumiu, em 2016, ao aceitar o convite do vereador da Cultura da Câmara Municipal de Setúbal (Pedro Pina) para produzir uma exposição de artes plásticas em torno do Retábulo de Mestre Jorge Afonso.

O Retábulo da Capela-mor da Igreja do Convento de Jesus de Setúbal, atribuído à oficina de Lisboa de Jorge Afonso, é constituído por catorze painéis, em madeira de carvalho, pintados a óleo, datados entre 1517/19 – 1530.

A exposição, produzida pelo Synapsis em parceria com a Câmara Municipal de Setúbal e com o apoio da LASA-Liga dos Amigos de Setúbal e Azeitão, intitulada **“MUTATIS MUTANDIS: RETÁBULO DA IGREJA DE JESUS: NOVAS MEMÓRIAS E NOVOS SENTIDOS”**, foi inaugurada no dia 21 de outubro 2017 e estará patente ao público até 14 janeiro de 2018, na Galeria Municipal do ex-Banco de Portugal, em Setúbal.

João Coelho

Mutatis Mutandis – a Arte em diálogo contemporâneo - 2



Com a exposição, que conta com 18 artistas (13 dos quais synapsianos), pretende o Synapsis respondendo ao desafio que lhe foi dirigido “...sublinhar as diferentes formas como, 500 anos após a entrega da encomenda feita ao pintor régio Jorge Afonso, o retábulo continua a alimentar a imaginação, o maravilhamento e a fé de quantos têm a felicidade de o ver e conhecer. E, como, por reflexo, a sua recepção fala do homem contemporâneo”.

Acácio Malhador, Alberto Pereira, Alex Gandum, Alexandre Murtinheira, Ana Isa Férias, António Manuel Santos, Carlos Medeiros, Carlos Pereira da Silva, Duarte Crispim, Eduarda Oliveira, Eduardo Carqueijeiro, Graciete Lança, Misé Pê, Nuno David, Olinda Lima, Pedro Miguéis, Salvador Peres e Sara Loureiro são os artistas que participam na exposição, com uma diversidade de abordagens significativa, que inclui a pintura, a fotografia, a instalação e a

gravura.

Integrado na exposição teve lugar, também no dia 21 de outubro, à noite, no Auditório da Galeria Municipal do 11, em Setúbal, o concerto “Ecce Homo” pelo e-Vox.

A exposição Mutatis Mutandis, tem como curador Eduardo Carqueijeiro e como co-curadores Misé Pê, Sara Loureiro e Salvador Peres.

Para entender melhor este projecto, que representa, face à sua complexidade e número de artistas envolvidos, um marco na produção artística do Synapsis, falamos com Eduardo Carqueijeiro (EC) e Misé Pê (MP).

João Coelho

Mutatis Mutandis – a Arte em diálogo contemporâneo - 3



MUTATIS MUTANDIS – RETÁBULO DA IGREJA DE JESUS: NOVAS MEMÓRIAS E NOVOS SENTIDOS”

JC - “Mutatis Mutandis”, porquê este nome para a exposição? O que é que se pretende mudar?

EC - Foi a Misé que sugeriu o nome...

MP - Surgiu por ser uma expressão latina cujo significado é reconhecido. Mudar o que tem de ser mudado, ou tendo mudado o que tinha de ser mudado. Ou seja, este título é uma explicação prévia das intenções dos participantes, é preparar o público para uma exposição fundada numa obra trazida para a contemporaneidade, à luz do que foi mudando e das alterações que agora sugerimos. Que se pretende mudar? Talvez formas de ver, de estar, de nos relacionarmos, de relacionarmos o que vemos, enquanto artistas, com o que vê o público em geral, menos atento ou menos disponível para desmontar as políticas e as poéticas da representação.

JC - Com tantos artistas (18), e tanta diversidade artística, como funcionou o processo de definição do conceito da exposição, como se definiram as abordagens e discutiram as diferentes propostas artísticas, incluindo a distribuição no espaço da exposição?

EC - Foi um processo que passou por diferentes aborda-

gens. Primeiro quase em *brainstorming* de um grupo de artistas base e depois começando a definir e especificar abordagens mais específicas, consoante a proposta de cada um. Posteriormente alargou-se o leque de artistas, aí com o tema ou a forma de chegar ao tema mais focalizado. Este processo contínuo passou por várias reuniões, algumas visitas e discussão sobre os retábulos, pesquisa sobre o significado e enquadramento histórico do painel para servir de ponto partida...

MP - Como disse o Eduardo, partiu-se de um *brainstorming*. Mas, das propostas iniciais muito poucas se concretizaram, nomeadamente os improvisos com o público e as encenações. Propostas houve que, não tendo sido concretizadas, serão transformadas em workshops destinados a vários públicos, a serem postos em prática até janeiro.

Quanto à forma como se equacionaram as diversas propostas, sei de parcerias que não foram concretizadas devido às sucessivas indefinições quanto às datas de realização do evento. Pessoalmente, julgo que aprendemos que somos capazes de trabalhar muito bem em conjunto e temos capacidade para trabalhar ainda melhor.

João Coelho

***Mutatis Mutandis* – a Arte em diálogo contemporâneo - 4**

JC – E quais foram as questões críticas, que foram enfrentadas no desenrolar do projecto?

EC - O facto de o processo ter sido longo e com alguns percalços de definição de datas, levou a alguma desmobilização de artistas, que houve posteriormente que contrariar.

MP - Por longos meses, demos por ultrapassado o convite que o Vereador Pedro Pina nos tinha endereçado e entregámo-nos às nossas respectivas profissões, e a outros convites para expor que tenhamos tido. Isso terá levado à desmobilização de alguns artistas. Foi pena.

JC - Gosto muito do catálogo da exposição. Que comentários fazem ao catálogo, e qual a sua importância para a exposição?

EC - O catalogo está muito interessante e muito apelativo. Há um rigor e uma criatividade gráfica que foi muito aplaudida, quer pelos artistas integrantes, quer pelo público que tem visitado a exposição. Decididamente o sector de promoção e de design da CM Setúbal (Elisa Pedradas e Ana Xavier, que estiveram envolvidas na el-

boração e apoio gráfico à exposição) está de parabéns.

MP - Concordo e acrescento que é o primeiro catálogo, de uma primeira exposição colectiva do Synapsis, ao cabo de sete anos de existência, e faço votos de que sirva de ponto de partida para muitas mais, como deve ser qualquer horizonte que se preze.

JC - A exposição estará patente ao público até janeiro. Estão previstas algumas iniciativas, nomeadamente junto das escolas, para suscitar interesse na sua visita? Contam que seja muito visitada?

EC - Estamos a organizar um conjunto de atividades paralelas, até ao seu final que passará por visitas guiadas, interligação e workshops com escolas, visionamento de vídeos e imagens criadas pelos artistas,... o que interessa é continuar a motivar que o publico vá à exposição, através de diferentes chamarizes.



João Coelho

***Mutatis Mutandis* – a Arte em diálogo contemporâneo - 5**

A inauguração foi muito participada, o que demonstra o interesse sobre a mesma. Se continuará dependerá muito da promoção que a Câmara Municipal de Setúbal, a LASA e o Synapsis possam fazer.

MP - Concordo com o Eduardo, as visitas dependerão da promoção que seja feita.

JC - **Que balanço fazem, até agora, da exposição, e que papel atribuem ao Synapsis na sua realização?**

EC - Penso que a exposição ficou afinal homogénea, melhor homogénea na sua diversidade, que afinal era o que se pretendia. Que a abordagem ao tema de cada um fosse diferente do outro, mas que no final resultasse um conjunto com lógica e abordando as diferentes dimensões que o painel apresenta. O Synapsis foi o motor da organização, que concretizou o conceito expositivo e permitiu que o público o possa disfrutar.

MP - O Synapsis teve o papel principal, obviamente. A curadoria foi incansável na organização, contactos e apoio aos artistas. A exposição ficou muito interessante, com bom nível. Foi fundamental o apoio do Dr. José Luís Catalão e da sua equipa, pelo entusiasmo e capacidade de resolver problemas com que nos apoiaram, nomeadamente no decurso da montagem.



João Coelho

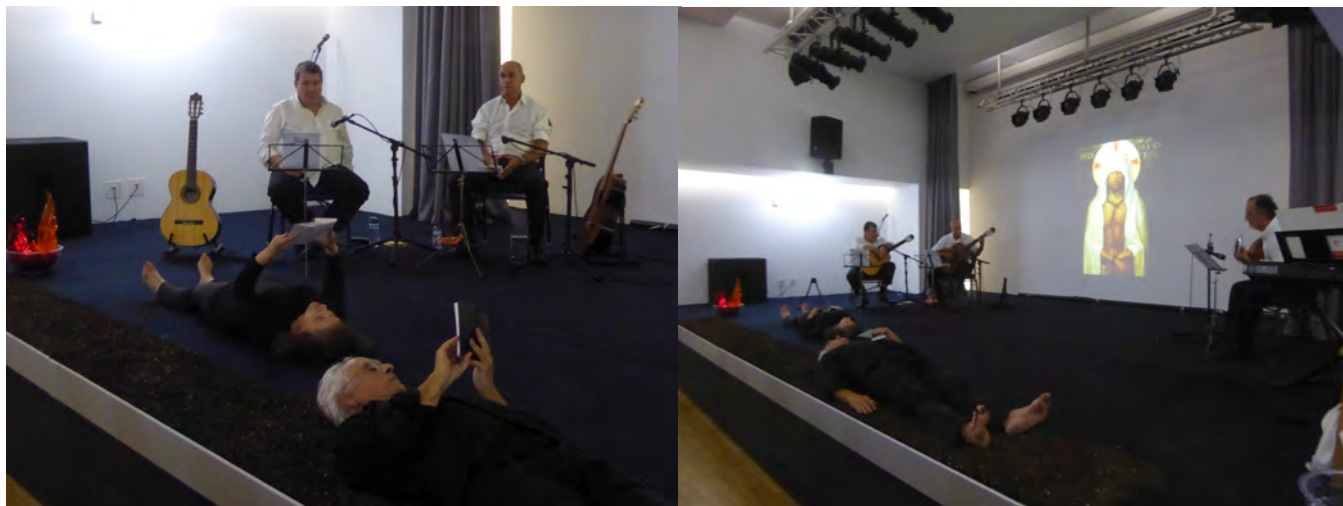
Mutatis Mutandis – a Arte em diálogo contemporâneo - 6

A fase de preparação da exposição



João Coelho

Concerto e-Vox “Ecce Homo” - 1



O grupo e-Vox surgiu em 2002, evoluindo a partir da vontade de renovar as ideias que norteavam o grupo *In Situ*, formação que desenvolveu, em Setúbal, uma extensa actividade nas áreas da música, poesia e pintura, entre os anos de 1993 e 2002. Estreou-se nos Açores, em Maio de 2003, nos Encontros de Porto Pim, na cidade da Horta, onde realizou dois concertos.

No que toca à parte musical, o e-Vox, integra, actualmente, a vocalista Diná Peres e os músicos Alberto Pereira, Alexandre Murteira e Salvador Peres. Em muitas das suas actuações, apresenta-se também com os declamadores Carlos Medeiros e Elisabete Caramelo.

A ideia de incluir um concerto do e-Vox no projecto *Mutatis Mutandis*, surgiu logo no momento em que o

Synapsis aceitou o convite do vereador da Cultura da Câmara Municipal de Setúbal, em 2016.

O concerto, que decorreu no dia da inauguração da exposição, foi constituído por instrumentais, feitos expressamente ou adaptados para o evento, interpretados pelo e-Vox, intercalados por uma leitura encenada de um texto poético. Ana Paula Eusébio, encenadora da companhia de teatro “Três Mais Um”, dirigiu a actuação em palco dos habituais declamadores que acompanham o e-Vox (Carlos Medeiros e Elisabete Caramelo).

João Coelho

Concerto e-Vox “Ecce Homo” - 2

Segundo Salvador Peres, líder do e-Vox e autor do texto poético, a inspiração para o concerto surgiu de um dos quadros mais expressivos da obra de Mestre Jorge Afonso: “*Ecce Homo*”. Quanto ao texto poético refere que este “... faz um paralelo entre o Deus da Inquisição (Sec. XVI) e o Deus da Guerra Santa (Sec. XXI). O silêncio de Deus perante as matanças que se vão fazendo em seu nome. “*Ecce Homo*”, eis o homem, carrasco e vítima, perante a aparente indiferença de Deus”.

Ontem, como hoje, pouco mudou, o homem continua a cometer as maiores atrocidades em nome de Deus.

“... ”

*Hoje, como ontem, não se sabe quem és ou se existes,
de quantos rostos és feito, ou sequer se tens rosto.*

*se estás próximo de nós
ou se te perdes nesse infinito inatingível
que desafia o nosso entendimento.*

Que espécie de loucura é esta?

Que herança nos deixaste?

....”



João Coelho

Concerto e-Vox “Ecce Homo” - 3



Confrontado com a ideia de o texto poético que foi apresentado reflectir uma visão pessimista, sem esperança, que suporta a inexistência de Deus ou a sua ausência/inércia, Salvador Peres reage *“Reflecte uma visão do mundo agnóstica, onde não existe um Deus moral, ou qualquer outra entidade que seja capaz de diferenciar o bem do mal. Denuncia o falhanço das teologias e das ideologias: o homem está só, entregue a si próprio. Não considero o texto pessimista. Bem pelo contrário. Fora da esfera moral, o homem é capaz de realizar coisas grandiosas. Veja-se o contraste entre o homem da renascença (da ciência, da cultura) e o mesmo homem da renascença (o que matou em nome de Deus). O mesmo é válido para os dias de hoje.”*.

Enquadrado no concerto, e inspirado no texto poéti-

co, foi também apresentado um documentário vídeo, da autoria de Alberto Pereira, cuja evolução técnica na realização tem sido notória.

Apesar de algumas limitações, nomeadamente não ter sido possível utilizar o equipamento de iluminação do auditório, facto que afectou principalmente os declamadores, o rigor, empenho e qualidade de execução dos artistas, garantiu ao público presente um bom momento.

Em suma, um espectáculo agradável de ouvir e ver, mas que nos questiona e remete para reflexões mais sérias.

José Alex Gandum

Uma visita ao Convento de S. Paulo de Alferrara - 1

No passado dia 21 de Outubro, membros do Synapsis e da LASA fizeram uma visita guiada ao Convento de S. Paulo de Alferrara, reabilitado há poucos meses, depois de décadas ao abandono. O anfitrião foi Fábio Vicente, da Associação de Municípios da Região de Setúbal (AMRS), organismo que detém e gere o referido património.

Muitos setubalenses ainda se lembram da degradação progressiva a que esteve sujeito o Convento de São Paulo de Alferrara, em especial a partir dos anos 80 do século passado. Finalmente, as obras de reabilitação começaram há uns meses e em Junho passado pôde ser inaugurado o novo espaço sobranceiro à cidade do Sado.

Numa parceria Synapsis/LASA, alguns membros de ambos os Grupos tiveram o privilégio de participar numa visita guiada por Fábio Vicente, especialista em arte, património e restauro.

Na manhã de Domingo de um dia de Outono, que prometia muito Sol e calor, o ponto de encontro foi no Parque de Merendas de São Paulo, tendo a visita propriamente dita começado por um enquadramento histórico-

geográfico.

Seguiu-se uma passagem pelo designado Convento de Nossa Senhora da Conceição dos Frades Franciscanos Capuchos de Alferrara, mais comumente designado por Convento dos Capuchos, o qual está em muito avançado estado de degradação. É um Convento dos finais do século XVI, agora também propriedade da AMRS, que já fez as intervenções mais urgentes. A visita a este património permitiu captar fotografias únicas por parte dos visitantes.

Depois da passagem por um nicho onde foi possível verificar a recuperação de algumas das pinturas originais, iniciou-se outra subida, desta vez para o património principal da zona, o Convento de São Paulo de Alferrara. Construído em 1383, o edifício histórico teve vários ocupantes, eclesiásticos e não só, e estava em avançado estado de ruína desde há 50 anos. Foi agora reabilitado parcialmente, o que permitiu recuperar a nave principal da capela e o átrio interior, além de aproveitar antigas instalações para salas destinadas agora a usos diversos, como reuniões ou conferências.



José Alex Gandum

Uma visita ao Convento de S. Paulo de Alferrara - 2

No fim da visita, o agrado dos visitantes era notório, não só pela oportunidade de percorrer lugares com (muita) história, mas também pelo facto de ouvir explicações por parte de um guia experiente e conhecedor, que enriqueceram uma manhã de Domingo soalheira.

O ciclo de visitas do projecto "Descobrir Setúbal - Lugares com história" começou a 22 de Outubro, com esta visita guiada ao Convento de São Paulo de Alferrara.

Mas esta foi só a primeira iniciativa no âmbito de um projecto de parceria entre o Synapsis e a LASA, entre Outubro de 2017 e Junho de 2018, que vai levar os interessados por locais, monumentos e memórias fundadoras da cidade de Setúbal, desde a presença Fenícia e Romana, passando pelos marcos

importantes da construção e desenvolvimento da cidade do Sado.



Viriato Soromenho-Marques

Na Ressaca do Assalto ao Céu - 1



Lenine foi buscar de empréstimo a Marx, num texto por este dedicado à Comuna de Paris (1871), a expressão usada para baptizar a Revolução que se iniciava em 7 de Novembro de 1917 (25 de Outubro, no calendário juliano da Rússia czarista): “O Assalto ao Céu” (*Angriff auf den Himmel*). Cem anos depois, em todo o mundo, começando pela Rússia, a escassez das comemorações merece alguma reflexão. Um século depois da Revolução Francesa, o seu apelo universalista estava intacto, e até o Terror era minimizado, tal o desejo dos franceses a

integrarem no seu consenso nacional. Pelo contrário, a um século de distância, a herança de 1917 destaca-se pela amargura e o niilismo. Que para os russos de hoje o grande herói sobrance desse período seja Estaline, talvez o maior assassino em série da história universal, é tristemente sintomático. Sob qualquer ângulo que se escolha, 1917 pulveriza tudo aquilo em que toca. Uma das coisas que a Revolução Russa (RR) destruiu foi a possibilidade de olharmos para o marxismo com isenção crítica. Contudo, a mente fina de um marxista livre, Antonio Gramsci, percebeu o que estava em causa poucos dias depois da tomada do Ermitage: “A revolução dos bolchevistas (...) é a revolução contra *O Capital* de Karl Marx. *O Capital* de Marx, na Rússia, era mais o livro dos burgueses do que dos proletários. Era a demonstração crítica da fatal necessidade que na Rússia se formasse uma burguesia (...) se iniciasse uma era capitalista, se instaurasse uma civilização de tipo ocidental antes que o proletariado pudesse sequer pensar na sua desforra (...) na sua revolução.” (*Antonio Gramsci, Escritos Políticos I*, Seara Nova, 1976, 161-2). A RR nasceu de uma ecléctica mistura doutrinária de que o marxismo é apenas um dos ingredientes. Sobressai sobretudo um voluntarismo indómito, capaz de dispensar a gravidade dos factos, aliado a uma banalização instrumental da violência, bem enraizada na tradição política russa, e a uma teoria militarizada de Partido, desenvolvida por Lênine, que trazia sempre por perto uma cópia da obra magna de Carl von Clausewitz.

Viriato Soromenho-Marques

Na Ressaca do Assalto ao Céu - 2

Paradoxalmente, uma das forças da RR foi a sua promessa de paz. Para milhões de soldados e civis fustigados por anos de carnificina e fome, a violência estava do lado dos seus governos e generais, não dos intelectuais que prometiam a paz (o primeiro governo bolchevique parecia uma Academia). Os sinais de aviso começaram de maneira grotesca. Um dos maiores problemas que Lenine e Trotsky tiveram de enfrentar foi uma orgia de alcoolismo começada nos próprios regimentos revolucionários de Petrogrado. A descrição mais viva é a de Antonov-Ovseenko, comissário do Exército, que nos conta como a peste de vodca se estendeu, com epicentro nas adegas do czar, a toda a capital e arredores, durando até meados de Dezembro. O voo da RR chocou contra as portas do céu. Estatelou-se contra a apatia de uma sociedade rural, pobre e analfabeta. Os bolcheviques, depois de dissolverem a Assembleia Constituinte, começaram

por eliminar os seus aliados tácticos, transformaram os soviets num cadáver útil e, por fim, depois de vencida a Rússia Branca, começaram a devorar-se a si próprios na monstruosa fábrica de Terror gerida por Estaline. Um número obscuro de vítimas sacrificou-se na pira da RR, que chegou a ter dimensão universal, antes de cair na órbita do nacionalismo grão-russo, disfarçado em “socialismo num só país”. Um século depois, esse colossal sofrimento continua sem encontrar um sentido que o possa redimir.

Nota: Este texto foi inicialmente publicado no *Diário de Notícias*, em 8 de Novembro de 2017

José Manuel dos Santos

Agostinho da Silva e Michel de Montaigne - 1



Aproximar um autor de outro autor, dar-lhes vizinhança e afinidade, é conferir veemência a um vínculo, prestar sentido a um laço, conceder força a um íman. E é explicitar o que só nessa aproximação se compreende.

Agostinho da Silva leu Montaigne e fez dessa leitura, intensa e densa, um ensaio, publicado logo nos anos primeiros da sua vida intelectual (1933). Desse livro e do que nele se diz, há em toda a obra futura de Agostinho um eco que nos deixa lê-la sem nos separarmos da voz antiga e sábia de Montaigne.

Tanta tem sido a vontade de dar a Agostinho outras companhias, que este nó, este nexos, este poder de uma obra sobre a sua foram desatados, esquecidos, desvalorizados. E, no entanto, se há presença que atravessa o que Agostinho da Silva foi pensando, dizendo e escrevendo, até ao fim da sua vida, essa é a do pensamento astuto e livre de Michel de Montaigne.

“Não dizia coisa com coisa”, atiram alguns sobre Agostinho da Silva para assim o desdizerem. E ele confirmava, rindo, que não dizia coisa com coisa, porque afinal é a vida que não costuma dizer coisa com coisa, sendo preciso segui-la. Como em Montaigne, haverá sempre em Agostinho da Silva uma escassez para aqueles que põem

a abundância dos sistemas na origem de tudo.

Este anarquista de todas as anarquias fazia da desordem uma ordem criadora e do caos um cosmos. As suas apoias eram antigas e modernas. Às vezes, ele dizia: não sou do ortodoxo nem do heterodoxo, porque cada um deles só tem metade da vida. Sou do paradoxo que a contém toda. Era ainda uma forma de estar dentro e fora do que dizia. Era ainda uma forma de ser fiel a Montaigne e ao que nele vive e inquieta.

Se lermos o ensaio de Agostinho (“Michel Eyquem, Senhor de Montaigne”, Textos Pedagógicos I) sobre o autor dos “Ensaio”, encontramos algumas das chaves que deram corda ao relógio com que foi medindo, pensando, configurando o seu tempo e o que nele foi acontecendo. Naquele mapa onde, no seu estudo, Agostinho nos vai mostrando as evoluções do pensamento de Montaigne, com as suas hesitações, recuos e avanços (cepticismo, epicurismo, estoicismo, pirronismo), revelando-nos ao mesmo tempo aquilo que a sua procura foi encontrando, disso tudo se fazendo, vemos muitas estradas por onde Agostinho passou.

Numa pequena, mas muito interessante obra (“O Essencial sobre Michel de Montaigne”), de apresentação da vida da obra e do pensamento do grande humanista francês, Clara Rocha escreve: “O «exercício» ensaístico de Montaigne é inconfundível: vivo e inquieto, ciente da precariedade do conhecimento humano, procura, interroga, duvida, tenteia, avança, revê e acrescenta. Numa curiosidade omnívora, toca os mais diversos assuntos, tendo sempre o humano no centro das suas preocupações.

José Manuel dos Santos

Agostinho da Silva e Michel de Montaigne - 2

É um exercício crítico e experimental que não se resolve em respostas, mas se envolve em indagações e aproximações sucessivas, e que por isso encontra na descontinuidade e no fragmento a sua forma mais adequada". Falando de Montaigne parece que é também de Agostinho da Silva que Clara Rocha fala.

Sobre Montaigne, Agostinho diz, no seu livro, que era "pouco simpatizante com os que seguem sempre o mesmo caminho, sem curiosidade pelas travessas"; que era "homem confuso e contraditório"; "que para ele a liberdade era a última coisa que o homem deve alienar, a primeira que se deve esforçar por obter"; que "quando a morte vinha, pensava na Vida"; que havia nele "uma espécie de vagabundagem"; que "era capaz de acender uma vela a S. Miguel e outra à serpente"; que "cumpria o seu dever sempre na dúvida, em todo o caso, de que o dever existia;" que "na indecisão de Montaigne havia uma forte vontade"; que "o perigo não estava em fazer mal, mas em não fazer nada"; que era "uma natureza bem complexa e contraditória"; que "o senhor de Montaigne não simpatizava com a lógica e não a deixava intrometer-se nas suas coisas"; que "dos espíritos múltiplos como o seu que, parecendo apenas atentos a uma ocupação, na realidade se interessam por todas. Depois Montaigne possuía fortemente o sentido da vida e, sabendo bem que os livros lha não poderiam reproduzir com toda a fidelidade, que muito se perdia na passagem à escrita, observava-a ele próprio, com a sua curiosidade sempre desperta e sempre nova"; que "Montaigne é, de facto, «o homem que acorda todas as manhãs sem as ideias da véspera". Agostinho disse isto de Montaigne e não podemos deixar de aí reconhecer coisas que bem estaria se as dissesse de si-mesmo – ou nós se dele as disséssemos.

Em simetria, muitas coisas que Montaigne disse poderiam ter sido ditas por Agostinho: "A morte é o fim da vida, mas não é a sua finalidade". "Viver é o meu ofício e a minha arte". "Mesmo no mais belo trono do mundo, estamos sempre sentados sobre o nosso rabo". "A palavra é metade de quem a diz e metade de quem a ouve". "Que sei eu?" "A mais subtil loucura é feita da mais subtil sensatez". "Nada parece verdadeiro que não possa parecer falso". "A verdadeira ignorância é a que se ignora a si-mesma". "A felicidade está em desfrutar e não em possuir". "A alma dos imperadores e a dos sapateiros são tiradas do mesmo molde". "Os médicos têm sorte. Os seus sucessos brilham ao sol e os seus erros cobre-os a terra". "Educar não é encher vasos, mas acender fogos". "Todos os dias caminham para a morte. O último é o que lá chega". "Não há uma ideia que valha que se mate um homem". "Dou a minha opinião não como boa mas como minha". "Filosofar é duvidar".

Agostinho da Silva fez da vida um ensaio. Aquele espírito irrequieto e irónico, ágil e móvel, curioso e interrogativo, que marcava tudo o que fez, vinha de Montaigne e da sabedoria que, nele, era uma procura e uma partida.

Francisco Ferreira

Desenvolvimento sustentável – Desafios para Portugal - 1



Como gostaríamos que fosse o nosso mundo? Como gostaríamos que fosse o nosso país? Zero poluição, zero resíduos, zero desperdício, zero impactes, zero emissões, ou até talvez mais do que isso, se em muitos casos, para além de atingirmos o zero de algumas variáveis, pudéssemos ainda dar um contributo positivo para o sistema planetário, reduzindo os danos já provocados anteriormente.

Ter uma visão zero implica, necessariamente, ter também um olhar cem por cento. Os cinco P's dos objetivos de desenvolvimento sustentável apontam-nos o caminho: um mundo cem por cento dedicado à felicidade das Pessoas, vivendo com Prosperidade, onde seja possível garantir a Paz, com um respeito integral pelo Planeta, construindo-o através de múltiplas Parcerias. Esse seria certamente um mundo e um país onde 100% da energia teria origem em fontes renováveis, onde o uso dos recursos seria 100% eficiente. Claro que esta visão nos

parece utópica, inatingível, como se de uma fantasia se tratasse. Porém, termos um Sistema Terrestre Sustentável significa termos como prioridade consubstanciar um olhar e traçar um caminho para um futuro onde esses sejam os objetivos a atingir à escala nacional, europeia e planetária.

Tal como um extrato bancário dá indicação das despesas e dos rendimentos, a Contabilização da Pegada Ecológica avalia as necessidades humanas de recursos renováveis e serviços essenciais (através de uma métrica chamada Pegada Ecológica) e compara-as com a capacidade da biosfera de fornecer tais recursos e serviços (através de uma métrica chamada biocapacidade). Tanto a procura como a oferta são expressas em unidades equivalentes a hectare (ou hectares globais - gha), que representam hectares com produtividade biológica média mundial.

Os resultados indicam que a biocapacidade por pessoa em Portugal aumentou 24% no período 1961-2013, passando de 1,2 para 1,5 gha por pessoa. Esse aumento foi superado pelo aumento (+ 73%) da pegada ecológica média per capita do país, que passou de 2,2 gha por pessoa em 1961 para 3,9 gha por pessoa em 2013. Ao longo dos anos, o deficit ecológico do país aumentou continuamente até ao início dos anos 2000 e uma redução tem sido registrada desde 2006.

Francisco Ferreira

Desenvolvimento sustentável – Desafios para Portugal - 2

Comparando com os outros países mediterrânicos, os resultados indicam que, em 2013, Portugal tinha a 9ª maior Pegada Ecológica per capita entre os 24 países mediterrânicos considerados, com 3,9 hectares globais (gha) per capita. Entretanto, a biocapacidade per capita portuguesa em 2013 (1,5 gha per capita) foi ligeiramente superior à média regional mediterrânica (1,2 gha per capita), mas inferior ao valor médio mundial de 1,7 gha per capita.

Uma análise da pegada ecológica dos países da UE mostra que Portugal tem a 6ª pegada mais baixa mas que é, ainda assim, muito superior à capacidade do planeta. Ou seja, se todos os países tivessem a mesma pegada ecológica que Portugal, seriam necessários 2,3 planetas.

Numa análise rápida, o consumo de alimentos (32% da pegada global do país) e a mobilidade (18%) encontram-se entre as atividades humanas diárias que mais contribuem para a Pegada Ecológica de Portugal e constituem assim pontos críticos para intervenções de mitigação da Pegada.

É inevitável começarmos desde já a pensar, muito mais seriamente, num país onde os combustíveis fósseis ve-

nam a ter um peso residual, dando lugar a uma dominância quase absoluta da energia proveniente de fontes renováveis. Este enorme desafio que temos pela frente, e que obviamente extravasa em muito uma discussão puramente energética, toca em áreas que vão desde o desenvolvimento tecnológico, a mudança de comportamentos, os objetivos de realização individual e coletiva, o ordenamento do território à dinâmica das cidades. Olhar para um Portugal Sustentável, preparado para as ameaças das alterações climáticas, com uma floresta diversa e resiliente, facto que este ano demonstrámos não ter, é um enorme desafio que tem de começar já. Tal merece um profundo planeamento, que deve ser flexível ao longo do tempo, e que, acima de tudo, deve ter um grande consenso político e institucional, para além de necessidade de uma participação empenhada de todos os setores da sociedade, percorrendo um caminho que foi já assumido de termos um país carbono zero em 2050, com maior equidade e melhor qualidade de vida.

António Manuel dos Santos

Facebook ou TV, quem muda o mundo, hoje? [contributos para um pensamento mais (?) inclusivo]



Confrontado com esta questão, um amigo meu, fundamentalista do pessimismo, diria que quem muda o mundo hoje é quem tem poder para pagar a quem projete a estrutura – e faça a gestão – da sua imagem, seja na televisão ou nas redes sociais. E acrescentaria que é ao sabor desses que vamos e ainda que consumiremos tudo o que deles nos chegar, sem pudor nem critério, ámen.

Eu, não sendo tão derrotista, acho que ele tem uma certa razão.

E acho, sobretudo, que – sendo a mudança uma fatalidade já que nada permanece (no sentido de se manter igual); já que tudo tende a evoluir, a modificar-se – a mutação (pelo menos no reduzido mundo em que podemos influir) terá sempre o cunho que lhe imprimirmos.

Isto é...

1. quem muda o mundo hoje são todos aqueles que podem (ou querem, sendo que é claramente sabido que

uma coisa não implica necessariamente a outra) alhear-se da ação e afundar-se no sofá a absorver mais ou menos gulosamente todos os produtos que são colocados ao seu alcance e que eventualmente foram produzidos precisamente com essa intenção alienante. Trate-se de cinema ou televisão, de facebook ou de twitter, de instagram ou de linkedin. Lá fora o mundo, inexoravelmente, muda. E eles, alheados, absortos, nem se apercebem que o que fazem é esperar que lhes coloquem à frente os novos produtos resultantes dessa renovação.

2. quem muda o mundo hoje são os que pegam exatamente nestas mesmas mercadorias, mas, qual espremedor inteligente e eficaz, lhes retiram o suco e transformam-se eles próprios em veículos de criação e transmutação, agindo, passando da contemplação à obra.

3. quem muda o mundo hoje são os que, em rasgos de inspiração ou exacerbações de conhecimento, geram novos meios, novos canais, novas ferramentas que conduzirão a outras novidades.

Constatação básica I: a TV e o Facebook são meras produções da mudança – à qual, estão fatalmente sujeitos e obrigados.

Constatação básica II: o mundo muda até nos áridos paraísos e remotos confins onde a TV e o Facebook não chegam e os homens cumprem – com a placidez dos que bem sabem o que os move – as rotinas tribais que os preenchem, lá nos antípodas da tecnologia.

Constatação Última: o mundo é mudança.

João Coelho

A plenitude de S.



Era sexta-feira, princípio de noite, num dia típico de brando outono. Recordo-me de uma ligeira chuva, caindo suavemente sobre os passantes e das reverberações cintilantes causadas na iluminação nocturna. Entrei na última carruagem do comboio da linha dois, e sentei-me na penúltima fila de lugares. Passados uns instantes percebi que, nos lugares atrás de mim, se tinha sentado um casal. Ela, que chamarei de S. e ele que chamarei de L.. A voz de S. despertou-me logo a atenção. Vibrante, alegre, ligeiramente enfatuada mas, mesmo assim, de agradável sonoridade. A de L., discreta. Dada a proximidade física, não me era possível ignorar as suas vozes ou, sequer, não as escutar. Assim durante a meia hora que durou a viagem, com algum desagrado inicialmente, mas cativado depois, acompanhei, sem nunca me ter voltado para trás, o singular diálogo do casal. Percebi que eram oriundos do mesmo sítio, algures no interior do país, e o seu reencontro se devia ao *facebook*. S. estava radiante, e as suas palavras envolviam completamente L.. Falou, arrebatadamente, de pessoas que ambos conheciam dos seus tempos de juventude, e com manifesto orgulho na voz, da filha que vivia em Londres. A voz de S. mesmeri-

zava de radiante e resisti sempre à tentação de me voltar para trás, com receio de quebrar aquele momento de encantamento. Senti que aquele era um momento de plenitude para S.. Imaginava-a, ainda jovem, partindo do interior para trabalhar na grande cidade, onde casara e tivera uma filha. Esta crescera e demandara, tal como a mãe outrora, uma cidade ainda maior. S. entretanto divorciara-se e desde há alguns anos morava sozinha. O encontro com L. fortuito, reacendera nela, de forma inesperada, uma chama pela vida que ela há muito tinha esquecido. Sentia-se arrojada, feliz e incapaz de se conter. Incapaz também, de compreender completamente o que a fazia sentir assim, eu compartia, de forma estranha, desse seu deslumbramento. E não pude resistir, quando se levantaram para sair, a olhar finalmente para trás. S. era uma mulher de estatura média com uma idade já bem acima dos quarenta anos, anafada e rosto excessivamente redondo, mas para mim, ainda sob o estranho encantamento da sua voz, e do seu entusiasmo, era uma mulher bela.

Carlos Eufémia

Fort Worth - 1



Fort Worth é das cidades Americanas com maior crescimento nos últimos anos. A área metropolitana, que engloba Fort worth, Dallas, Arlington e outras cidades de menor dimensão, tem cerca de 7,1 milhões de habitantes e a previsão de 3 milhões mais nos próximos 10 anos. Só outra cidade, Houston, registou maior crescimento, curiosamente também no Texas. Em 2016, o Texas foi o segundo Estado dos EUA com maior PIB. Califórnia, em primeiro Lugar (PIB superior ao Reino Unido) e, Nova Iorque, em terceiro lugar. O Texas, se fosse um país, estaria entre os 10 mais ricos do Mundo, com um PIB superior ao do Canadá.

Mas não é só a economia pujante que atrai milhares de novos habitantes todos os anos. A dimensão do Estado, que permite um baixo preço de metro quadrado para habitação e indústria, e a pequena carga fiscal, ao contrário de muitos outros Estados, são factores importantes.

Fort Worth nasceu como posto avançado do Exército mais a Oeste (na altura, o verdadeiro Oeste) e, depois, o Far West, na Califórnia. Fort Worth encontra-se no centro do mapa entre uma costa e outra. A importância das cidades Americanas alterou-se com o aparecimento dos caminhos de ferro. Ninguém ouve falar de Dallas nos filmes de Cow-Boys, porque na altura, a cidade importante era Jefferson, que tinha Porto fluvial, por onde

escoavam as mercadorias para o Norte. As companhias de ferro, como toda a iniciativa privada de que tanto se orgulha este país, desenhavam o traçado de forma a incluir, ou não, as cidades que pagavam para ter uma estação. Muitas vezes, o povo ou os políticos não viam interesse nisso ou, simplesmente, não tinham dinheiro para tal. Hoje, Jefferson tem 2.000 habitantes e Fort Worth 854.000.

Fort Worth é conhecida como Cow Town. Sim, os Ranchos de gado são uma fatia importante da economia da cidade. Outros empregadores de peso são a indústria de Defesa, Aeronáutica, Hospitais e Universidades. Embora muitas empresas do ramo energético estejam sediadas nesta cidade, Dallas e Houston são os grandes centros do Petróleo mundial. O turismo tem cada vez maior importância e o facto de se encontrarem habitualmente Cow-Boys nas ruas adiciona interesse a quem a visita. Nas cidades vizinhas já não serão tão comuns.

Aos olhos de um Europeu, é uma cidade pequena comparada com Nova Iorque (cerca de 8 milhões de habitantes e a Área Metropolitana tem cerca de 23 milhões), por exemplo. Em Nova Iorque abundam os edifícios em altura, pois o espaço sempre foi pouco. Em DFW (Dallas-Fort Worth, Metroplex), devido à facilidade de crescimento em extensão, os edifícios residenciais são vivendas unifamiliares ou pequenos blocos de apartamentos de dois pisos apenas. A área é densamente arborizada por carvalhos e as árvores cobrem por completo as habitações, sendo apenas visível o manto verde salpicado por ocasionais edifícios mais altos, como escritórios ou igrejas, quando circulamos nas vias rápidas. Nunca vi um fogo florestal por aqui.

Carlos Eufémia

Fort Worth - 2

Os Carvalhos são muito parecidos com os nossos Sobreiros. Imaginem cidades inteiras debaixo dos Sobreiros. Surpreendentemente, não há muitos centros comerciais. Conheço dois ou três apenas (não consigo ainda explicar esta diferença entre Portugal e o Texas) e o que existe com esse nome são o que eu chamaria de “praças de negócios” onde o centro é um imenso parque de estacionamento rodeado por pequenos negócios, restaurantes e, por vezes, cinemas.

A História, muito resumida: O Texas já foi, no todo ou em parte, francês, de 1684 a 1689, espanhol, de 1690 a 1821, mexicano, de 1821 a 1836, República Independente do Texas, de 1836 a 1845, e pertence aos EUA desde essa altura, tendo feito parte dos Estados Confederados do Sul durante a Guerra Civil. Antes de 1684, e desde há 12.000 anos, cerca de 50 tribos habitavam o Texas. Por vezes, a mesma tribo tem um nome atribuído pelos franceses e outro pelos espanhóis.

A cidade começou a ganhar importância depois da Guerra da Secessão, quando o preço do Gado caiu no Sul para 4 dólares, enquanto, no Norte, valia 40. Como a raça de gado texana, Longhorn, era propensa a carraças, as manadas foram proibidas de passar por certos Estados, por causa do perigo de contágio a outras raças, tendo, por isso, que atravessar território índio até Abilene, Kansas, onde a Bolsa de Gado e estação de caminhos de ferro para o Norte se encontravam. Um homem chamado Jesse Chisholm começou a trazer as suas manadas do Sul até Abilene, parando em Fort Worth antes de entrar em território índio. Aqui se compravam mantimentos para a travessia e assim floresceram muitos negócios. Mais tarde, uma Bolsa de Gado foi criada em Fort Worth, quando da chegada dos caminhos de ferro. O

Chisholm Trail, caminho por onde passaram mais de 5 milhões de cabeças de Gado em manada é, ainda hoje, um importante ponto turístico. A cidade preserva e valoriza todos os edifícios da época, ruas, pavimentos e transformou-se numa cidade turística. A Bolsa de Gado já não tem a importância que teve, mas é o único lugar onde se pode assistir a *shows* de Rodeo todas as Sextas e Sábados.

O futuro prepara-se a régua e esquadro já que o extraordinário crescimento da cidade não permite o contrário. Actualmente, são visíveis vários conjuntos de quatro ou cinco enormes estruturas em forma de V, que brotam do solo entre mato e bairros degradados. Dentro de pouco tempo, uma nova “cidade” surgirá e canais e lagos serão rasgados por entre as estruturas. Os ‘Vs’ são os pilares de futuras pontes construídas onde ainda não há água. Toda a zona foi comprada a particulares pela “Câmara” e associados do projecto. Uma área superior ao Central Park em Nova Iorque, 3,42 km². Os canais irão ser criados de forma a evitar cheias, criar zonas de lazer e restauração à beira do rio Trinity.



Alexandre Murтинheira

Um fruto do acaso



“Toda a superfície é animada por uma textura irregular, com cores surpreendentes, localizadas ao acaso...”

Ao deambular entre estruturas metálicas, despertou-me especial atenção esta estrutura, que fotografei. O contacto permanente com a água salgada e o ar, conduziram, ao longo do tempo, à oxidação do metal sobre o qual foram depositadas pinceladas de tinta de várias cores. Os elementos estruturais de suporte e junção da estrutura metálica, pela sua volumetria e forma geométrica, adicionaram uma força superior à fotografia. Toda a superfície é animada por uma textura irregular, com cores surpreendentes, localizadas ao acaso, que se fundem com o óxido de ferro. A intempérie, as tintas coloridas e os elementos geométricos, no seu conjunto, deram origem a uma composição plástica, fruto do acaso. A fotografia foi o meio de cristalizar esta composição plástica, tão original e efémera.

Daniel Nobre Mendes

POEMA PARA SEMPRE

Amigo distante ou de perto
O sol brilha à alegria de estares vivo
E rasgou as brumas densas da tristeza
A luz que olhas é música
A vibração que sentes é teu rumo
A liberdade que te beija é teu destino
A vida que te corre nos vasos é teu fogo
Amigo de perto ou de longe
Em qualquer canto gritas ou entoas a glória
Onde estiveres o sol já nasceu
E as escuridões já se tornaram dia rútilo
Sente-me como irmão
Companheiro fiel nesta madrugada
Onde estivermos cantaremos liberdade o ano todo
Sem pátrias sem lares com as estrelas
Nesta aventura da vida
Unidos como os elos que gotejam liberdade

Daniel Nobre Mendes nasceu em Beja e morou em setúbal. Autor de três livros, escreveu para o jornal "República", de que foi correspondente, e colaborou no jornal "O Setubalense" e "Diário do Alentejo".

Eduardo Carqueijeiro

Arte hoje - 1

Neste número, e dando continuidade ao lema desta rubrica, damos a conhecer, fazendo parte do Synapsis, **Sara Loureiro** (Salou) e, internacionalmente, a reconhecidíssima **Joan Mitchell**.



Sara Loureiro (Salou), com formação nas literaturas e nas ciências da educação, tem feito um percurso eclético com enfoque na escrita e nas artes plásticas. No campo literário, elege para si a poesia. Nas artes plásticas, transita entre linguagens e modos de pensar e fazer, num jogo de cobre, encobre e descobre, utilizando colagens e pintura nos seus trabalhos. Tem em desenvolvimento, atualmente, no âmbito das artes visuais, o projeto *Citânias*, como um *work in progress* em que a literatura e a escrita estão sempre presentes. “*Não concebo uma linguagem sem a outra, por se tratarem de expressões artísticas que se complementam e completam*” refere.

Ver mais: <https://www.youtube.com/watch?v=owIVcvV9DPo>

Eduardo Carqueijeiro

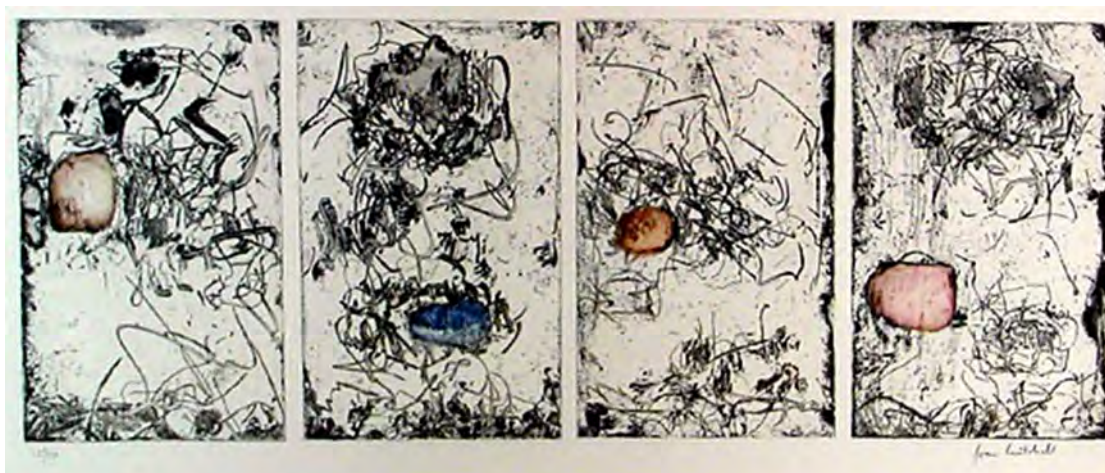
Arte hoje - 2



Joan Mitchell é reconhecida como uma figura principal - e uma das poucas *female artists* da segunda geração de expressionistas abstratos americanos. Na década de 1950, foi considerada uma artista líder da Escola de Nova Iorque, influenciada por Cézanne, Kandinsky, Monet, Van Gogh, Franz Kline e Willem de Kooning. Durante os anos 60 afastou-se das cores brilhantes e passou a usar tons negros e densas massas de tinta para expressar algo primordial e intemporal... *"tinta lançada e espremida para as telas, derramando e espirrando na sua superfície, onde uso os dedos para as manchar"*, referia a propósito.

De acordo com a historiadora de arte Linda Nochlin, o "significado e a intensidade emocional das imagens de Mitchell são produzidos estruturalmente por toda uma série de oposições: *"traços densos versus transparentes, estrutura quadrada versus construção caótica e ad hoc, peso no fundo da tela versus peso no topo, luz versus escuridão, movimentos intermitentes versus contínuos, justaposições harmoniosas e conflituantes - sinais potentes de significação e sensação"*.

Nasceu em 1925, viveu em Chicago, Nova Iorque, e Paris, onde veio a falecer em 1992.



Ver mais: <http://www.theartstory.org/artist-mitchell-joan.htm>

Sara Loureiro

Quando escrever é (também) escrever-se – Maria Teresa Horta - 1



Ama a escrita em geral e a poesia em particular. De ambas se alimenta e nos alimenta. Tem um modo especial de driblar os preceitos e os preconceitos. Continua a surpreender-nos com o que escreve e como escreve, como sempre fez. Falo de Maria Teresa Horta (MTH) e da sua mais recente obra *Poesis*, um livro de poesia.

Nesta sua obra, MTH surge, porventura, mais desnuda do que nunca anteriormente. Num registo intimista, que lhe é peculiar, a autora escreve e escreve-se, inscrevendo-se em cada um dos seus versos, permitindo-nos vislumbrar o fazer poético, o universo da sua criação, a mulher inteira e liberta, a fruidora da escrita, a amante confessa da palavra e da linguagem que quer despida e desobediente. E vem dizer-nos: “Quanto mais escrevo/poesia/mais me entrego//ao perdimento//mais me perco/e mais me encontro/me desencontro//e vislumbro/me desacato e desvendo//Quanto mais escrevo/poesia/mais me torno//alumbramento//a transformá-la em meu/corpo/a convocá-la no tempo//tornando-a meu alimento (Poema “Meu Alimento”, pág. 43).

Em *Poesis* ensina-se e aprende-se. Em *Poesis* abrem-se portas para uma compreensão da relação do poeta com a grandeza e complexidade da criação poética, do universo poético sintetizado na palavra, quer seja ele psí-

quico, físico ou metafísico. Esse franquear de portas que nos é proposto faz-nos percorrer a vida e o fazer poético da autora, sempre sensual e erotizante ao referir as palavras do corpo e ao evidenciar o corpo das palavras e da poesia: “Enamoro-me/da poesia, vou atrás/do nosso enlace//perdidas no verso/oculto/ou então no corpo mágico//das palavras e dos/ verbos/da sintaxe e predicado//Primeiro tiro-lhe/o casaco/de zibelina assustada//ou então o livro/aberto/no cimo do seu regaço//E o vestido de renda?/O batom?/O sutiã?//A sua saia de organza//...e o pulôver/ de lã” (Poema “Despir a poesia”, págs. 136-137). MTH habituou-nos a um sujeito poético em que se decalca e funde, coincidente com ela própria, mulher sem peias, lutadora, desafiadora, poetisa escrevendo a vida, escrevendo a(s) mulher(es) e o corpo, revelando a sua interioridade, deixando transparecer os seus sentimentos, as suas emoções e sensações. É a mulher que não teme. A que escreve em desassossego e nos inquieta, recorrentemente afirmando “Eu sou a minha poesia”.

Poesis, desenvolvendo-se ao longo de sete partes (6+1), número místico por excelência, sagrado, perfeito, poderoso, como Pitágoras se lhe referia, abre com a parte intitulada ‘Vocação’, para nos contar, através de vários poemas e metapoemas, como a poetisa foi tecendo a sua viagem do fazer poético, desde o alvor, desde a busca da palavra ao maravilhamento do seu encontro e ao entretecer de sentidos: “Sinto-lhe os traços/furtivos/no côncavo da minha mão//ganhando estranhezas súbitas/agudezas, desvarios/dos meus sentidos perdidos/a prender-me o coração//a descer até ao fundo/pela rasura do braço/até chegar ao desvão/na delgadeza do pulso//É a poesia que chega/tomando forma e ruído/a falar o que eu não digo” (Poema “Traços furtivos”, pág. 32).

Sara Loureiro

Quando escrever é (também) escrever-se – Maria Teresa Horta - 2

A obra tem subjacente uma poética da poesia, não no sentido de uma poética clássica, mas antes em termos de uma reflexão metapoética, em que o poeta e a sua poesia falam da própria poesia, do seu universo de criação e do próprio processo de construção poética. E este padrão de construção da obra observa-se ao longo de todas as outras partes, em que a poetisa nos vai desvelando o seu fazer, as suas idealizações, os seus sobressaltos e perdições, o seu labor poético, a sua insubmissão e desobediência, os seus pontos de luz, os seus labirintos, a sua insaciedade e ambição, as suas ilusões, crenças e descrenças... E ei-la *invocando, avocando, convocando, provocando e evocando* deuses, musas e ninfas, anjos e arcanjos, Brancas de Neve e Alices, Cassandras, Sibilas, Morganas, lobas, linceas e panteras, tigres, leopardos e pássaros, para depois nos surgir como caçadora e poeta, aquela que "...corr[e] com as feras na mata/e na floresta [se] arrisc[a]/... /[[É] caçadora e poeta/danç[a] com as bruxas e acend[e]/a fogueira sobre a água" (Excertos do poema "Caçadora", pág. 200). MTH é sempre provocatória no que diz e no como diz, na forma como marca encontros entre o seu corpo e o corpo da poesia, incendiando-se, assim, para a escrita, para depois nos dizer: "Não, não serei Sibila/não serei//nem anjo noturno/do meio-dia//Depois de mim/serei ainda eu/na minha veste//de vestal/de poeta/de poesia" (Poema "Vestal", pág. 173).

E já prestes do final da obra, em 'Evocação', MTH traz-nos à lembrança, como se impunha, um conjunto de mulheres visionárias, "estrelas de alva", que tiveram a capacidade de se reinventar e construir, para si, mas não só, uma outra condição, desacatando regras, correndo riscos e inventando uma nova mulher. Nesta galeria de

nomes de grandes mulheres encontramos, naturalmente, Leonor de Almeida, a Marquesa de Alorna, por razões que se adivinham e conhecem, (re)acendendo em nós "As Luzes de Leonor".

E, para que dúvida não houvesse, Maria Teresa Horta termina esta sua obra lembrando a fibra de que ela, mulher e poetisa, é feita. De entre as suas referências, seleccionei as que me parecem ser as suas mais genuínas *marcas de água*: 'desobediência', 'resistência', 'liberdade' e 'criação'. Por aqui me fico e boas leituras.

Salvador Peres

Natália Juskiewicz - Um Violino no Fado - 1



Natalia Juskiewicz é uma violinista natural de Koszalin, uma cidade situada no Norte da Polónia, que reside em Portugal há vários anos. É synapsiana desde a fundação do grupo, em 2010.

Começou a aprender violino muito cedo, aos sete anos, tendo prosseguido os seus estudos musicais até obter um diploma superior e um mestrado, com especialidade em violino clássico, pela Academia de Poznan, uma das escolas de música mais conceituadas do mundo. Também na Polónia, iniciou a sua carreira como intérprete solista e integrando orquestras e formações polacas de prestígio internacional que actuaram em várias partes do mundo.

Foi durante umas férias que se apaixonou por Portugal e decidiu ficar. Facilmente se adaptou à língua e à cultura portuguesas e foi desenvolvendo, quer a solo, quer fazendo parte de inúmeras orquestras (Orquestra do Norte, Orquestra Gulbenkian, Orquestra Sinfónica Portuguesa) e grupos musicais, um novo e variado percurso profissional que a levou a viajar intensamente pelo país onde hoje se sente em casa.

Salvador Peres

Natália Juskiewicz - Um Violino no Fado - 2



Durante o ano de 2010, decidi concretizar um pessoalíssimo desejo artístico: gravar um disco de fado tradicional onde, pela primeira vez, a habitual voz é substituída pelo violino.

Partindo desta ideia original, o projecto queria, acima de tudo, traduzir uma sentida homenagem ao Fado por parte de uma virtuosa intérprete clássica que, profundamente tocada pela expressão universal da nossa música, se descobriu com alma fadista e quis casar os dois universos.

Em Outubro de 2010, coroando o processo inicial, "Um Violino no Fado", foi galardoado com o "Prémio Revelação", na XVIII Gala de Leiria, um evento cultural que já distinguiu alguns dos maiores artistas nacionais.

Mais tarde, em Março de 2011, a convite da Orquestra Chinesa de Macau, este projecto viajou até à China para

integrar com reconhecido sucesso o espectáculo "Encanto de Portugal", concerto comemorativo dos 500 anos da presença portuguesa no Oriente.

Também, o fado "Com Que Voz", um tema de "Um Violino no Fado", teve a honra de fazer parte do CD-Livro "FADO PORTUGAL, 200 ANOS DE FADO", obra editada pela SevenMuses.

Em Novembro, no mesmo dia em que o Fado foi considerado Património Imaterial da Humanidade, a violinista integrou, ao lado de Camané, Maria Amélia Proença e Ricardo Ribeiro, entre outros, um elenco de grandes fadistas que actuou na 6ª Gala Amália.

Nos anos de 2013 e 2014, Natalia Juskiewicz teve a honra de levar "Um Violino no Fado" até Paris. O primeiro espectáculo foi apresentado no Santuário da Nossa Senhora de Fátima e no segundo, em Novembro de 2015, a violinista compartilhou o palco com Carlos do Carmo e Cuca Roseta na Gala de Fado no Salão Vasco da Gama, pertencente à Rádio Alfa.

<http://www.nataliajuskiewicz.com/>

Nuno David

Um retorno à natureza - 1



Domingo, no “ponto de encontro”, as alegres saudações matinais de boas vindas a “repetentes” e aos “novatos” nas “caminhadas Synapsis”.

Todos devidamente apetrechados..., água, merenda, roupa e calçado adequados.

Ao partir, uma breve saudação e descrição do itinerário escolhido para a manhã, evidenciando os aspetos mais importantes. Por norma as caminhadas terminam a meio do dia.

Desde sempre que o espírito e a vontade que assistem à atividade se pautam pela partilha no gosto pela natureza, pelo usufruto das potencialidades que o campo oferece em ações ao ar livre, tanto mais que, a região beneficia de forma ímpar de múltiplas paisagens que caracte-

rizam a envolvente da cidade, tanto na montanha, como no rio e suas margens. Aliás, a atividade é feita em territórios que constituem duas Áreas Protegidas, com os seus valores muito próprios nas vertentes da paisagem, da flora, da fauna e outros, todos muito distintos e que é imperativo divulgar para melhor se proteger.

Somos de facto uns privilegiados!

Ora, o grupo a que cada vez mais se vão somando participantes de todas as idades, respira estes valores e sente que os deve incentivar e usufruir.

É com muito agrado que se sente o entusiasmo e a satisfação dos que se vão juntando a nós e partilham as *Caminhadas Synapsis*.

Nuno David

Um retorno à natureza - 2

Estar no campo, sair do meio urbano tal como hoje o vivemos no fervilhar das preocupações e obrigações profissionais, com a intensidade a que somos obrigados e abraçar o grande espaço místico de largos horizontes, alternativo, é uma lufada de rejuvenescimento.

É todo um saber que existe no campo, onde a natureza tem maior e melhor expressão.

A ação no grupo é traduzida pelo convívio, pelo diálogo, pela troca de experiências diversas, no palmilhar dos muitos e tortuosos caminhos, no sentir inevitável de outros cheiros, respirar ares mais desanuviados que constituem a sua atração e, sobretudo, no agrado das múltiplas panorâmicas que vamos descobrindo a cada “curva” do caminho em que cada um vive os seus sentimentos e os regista.

É este o espírito da caminhada.

Claro que, em função do tempo disponível, escolhe-se o percurso a fazer, alerta-se para possíveis dificuldades, distâncias e os pontos de interesse. É sempre um desafio que põe à prova o grau de superação e testa igualmente as capacidades de cada um. O grupo imbuído de espírito

solidário, ultrapassa uma dificuldade ou outra que vá surgindo.

Sentimo-nos atraídos e impulsionados para a vivência em descontração, passo firme, compassado e, de quando em vez, as pausas para retemperar forças, dialogar e conviver.

Um pequeno núcleo, muito antes da formação do Synapsis, mantém a atividade desde o ano de 2002, com a periodicidade mensal, excetuando no Verão. É fácil contabilizar o número de caminhadas já efetuadas nos inúmeros circuitos devidamente estudados, alguns mais marcantes e extensos do que outros.

De referir dois membros do Synapsis que são presença assídua e persistente em todas as atividades promovidas e nesta em particular. O Alex Gandum, sempre atento a tudo e a todos, que assume, até pela sua vertente profissional, o registo do longo e valioso acervo fotográfico Synapsis. A outra personagem, o grande dinamizador Salvador Peres, que encabeça todas as iniciativas do grupo, sendo justo apontar-lhe a liderança. Bem haja aos dois.



sYnapsis !



Alberto Pereira



Alex Gandum



Alexandre Murtinheira



Ana Isa Férias



Ana Mafalda Silva



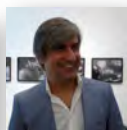
Antónia Rosa Nunes



António Manuel Santos



António Marrachinho Soares



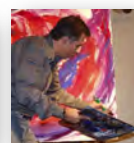
Carlos Eufémia



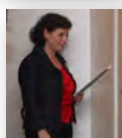
Carlos Medeiros



Diná Peres



Eduardo Carqueijeiro



Elisabete Caramelo



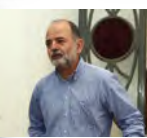
Francisco Borba



João Coelho



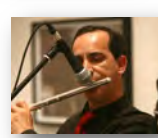
João Completo



João Reis Ribeiro



Joaquina Soares



Luís Alegria



Luís Nunes



Misé Pê



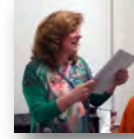
Natália Juskievicz



Nuno David



Salvador Peres



Sara Loureiro

O **Synapsis** foi criado em 9 de Abril de 2010.

Assume-se como um movimento informal de gente livre e de espírito aberto, não alinhado com correntes de opinião nem com organizações de carácter ideológico, religioso, político ou partidário.

O **Synapsis** encontra na expressão de vontades e talentos dos seus membros um meio de intervir na esfera pública, esperando contribuir para o desenvolvimento de uma sociedade que deseja norteadada pela justiça, pela reflexão crítica, pelo pensamento e pela acção construtiva.

O seu objecto fundamental é o de intervir na esfera social, usando livre acesso à expressão de ideias e ao desenvolvimento de uma reflexão crítica, através das diversas formas de expressão e intervenção artística.

sYnapsis!

Alberto Pereira, Alex Gandum, Alexandre Murtinheira, Ana Isa Férias, Ana Mafalda Silva, Antónia Rosa Nunes, António Manuel Santos, António Marrachinho Soares, Carlos Eufémia, Carlos Medeiros, Diná Lopes Peres, Eduardo Carqueijeiro, Elisabete Caramelo, Francisco Borba, João Coelho, João Completo, João Reis Ribeiro, Joaquina Soares, Luís Alegria, Luís Nunes, Misé Pê, Natália Juskievicz, Nuno David, Salvador Peres e Sara Loureiro.